



# A MILITARIZAÇÃO DE CUBA: AS QUATRO DIMENSÕES DA PROJEÇÃO DO PODER MILITAR CUBANO

Michael J. Brady

*Transcrição de artigo publicado na Military Review, 1º Trimestre de 1987, Edição Brasileira.*

*"É inegável o fato de que Cuba possui, atualmente, a maior força militar da Bacia do Caribe e a segunda maior, após o Brasil, de toda a América Latina. A que se atribui o crescimento quantitativo e qualitativo das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) cubanas? Que papel desempenha o apoio proporcionado pelos soviéticos? Qual é o nível de influência exercido pelas FAR no âmbito da sociedade cubana? Eis apenas algumas das inúmeras perguntas respondidas pelo autor ao abordar o poderio destruído pelas FAR e as quatro conseqüências identificáveis da militarização de Cuba.*

**S**ituada a cerca de 150 quilômetros do litoral da Flórida, a ilha de Cuba se impôs três vezes de maneira dramática nos últimos 26 anos na consciência coletiva norte-americana: Revolução Cubana de 1959, Invasão da Baía dos Porcos, em 1961, e Crise dos Mísseis Cubanos de 1962. Apesar da "descoberta" da brigada soviética pela administração Carter, em 1979, da ponte marítima de Mariel, em 1981, e dos

pronunciamentos antianques freqüentemente violentos feitos por Fidel Castro, que chegam, às vezes, a atrair a atenção da imprensa norte-americana, a característica singular de Cuba, como estado socialista altamente militarizado, tem eludido, em grande parte, a plena atenção do povo norte-americano, de seus aliados europeus e dos estrategistas globais dos EUA.

A marca de nascimento de Cuba como estado socialista

apresenta uma qualidade singularmente militar que se expandiu consideravelmente durante os anos subseqüentes, tornando as FAR (Forças Armadas Revolucionárias) a instituição predominante no âmbito da sociedade cubana, a ponto de excluir todas as demais. Esta primazia diferencia Cuba dos outros países marxistas-leninistas tradicionais como a Rússia, onde o peso do poder institucional recai sobre uma fundação constituída de três pilares (o Partido Comunista Soviético, a KGB e o Exército) ao invés de apenas nas Forças Armadas que, segundo será mostrado neste artigo, é o caso de Cuba.

Este artigo sintetiza o poderio das FAR cubanas e apresenta uma descrição do singular elenco militar do Estado cubano. Com esta exposição como pano de fundo, o ensaio continuará abordando as quatro conseqüências identificáveis da militarização de Cuba. Este artigo proporcionará, por inferência, alguns pontos de vista que dão respaldo à atual insistência da política exterior norte-americana nos procedimentos de verificação com respeito à Nicarágua, no âmbito do processo de Contadora.

## **AS FORÇAS ARMADAS REVOLUCIONÁRIAS (FAR)**

As Forças Armadas cubanas, ou seja, as Forças Armadas Revolucionárias (FAR), têm um efetivo total de 297.000 ho-

mens, incluindo os que se encontram no serviço ativo em Cuba ou no além-mar; assim como os que pertencem às reservas aprestadas que estão sujeitas à mobilização imediata.<sup>1</sup> Fidel Castro tem-se referido em várias ocasiões ao efetivo desproporcional das forças das FAR em relação à população total de Cuba (quase dez milhões de habitantes).<sup>2</sup> Durante sua visita ao Chile, ele revelou que o efetivo das FAR pode ser aumentado, em apenas 24 horas, dos 297.000 anteriormente mencionados para mais de 600.000, através do acréscimo ou emprego das organizações paramilitares.<sup>3</sup> Cuba possui a maior força militar dos países da Bacia do Caribe e a segunda maior de toda a América Latina, após o Brasil, cuja população é de mais de 130 milhões.<sup>4</sup> Mais de 2 por cento da população cubana pertence às forças da ativa e às reservas aprestadas, em comparação com a média inferior a 0,4 por cento dos demais países da Bacia do Caribe.<sup>5</sup>

O aumento quantitativo e qualitativo das FAR e a recente e contínua experiência de combate no continente africano atuam em conjunto para projetar as Forças Armadas cubanas a uma posição de supremacia em relação aos seus vizinhos latino-americanos. Dispondo atualmente de mais de 25 divisões terrestres,<sup>6</sup> 950 CC, mais de 270 aeronaves MiG, mais de 208 instalações de SAM (mísseis superfície-ar), além de um punhado de submarinos e fraga-

tas,<sup>7</sup> Cuba ostenta uma formidável força militar capaz de realizar um dos maiores desdobramentos no além-mar desde a 2ª GM, proporcionando tanto ao pessoal do Exército como da Força Aérea uma valiosa experiência de combate, empregando todas as armas existentes em seu arsenal de origem soviética.

A partir de meados da década de 70, a URSS iniciou um programa de modernização das Forças Armadas cubanas através da remessa de CC T-62, viaturas de combate de infantaria BMP, viaturas blindadas de reconhecimento BRDM, canhões anticarro RPG, peças de artilharia de campanha rebocadas de 122 e 152mm, lançadores múltiplos de foguetes B-21 e canhões antiaéreos autopropulsados ZSU-23-4. Complementando esse material, Cuba recebeu, em 1982, sofisticados helicópteros de assalto Mi-24 Hind-D e Mi-8 Hip. O Mi-24 é dotado de foguetes de 57mm e uma metralhadora tipo Gatling de 12.7mm, além de ser capaz de transportar um grupo de combate. Esta impressionante panóplia de armamentos confirma a esmagadora superioridade militar de Cuba sobre os seus vizinhos latino-americanos.<sup>8</sup>

## A FORÇA AÉREA CUBANA

A Força Aérea cubana é uma das maiores e, sem dúvida, a mais bem equipada da América Latina (a Venezuela possui aeronaves F-16, mas em quantida-

de inferior aos caças cubanos). Conforme mencionado anteriormente, a Força Aérea cubana dispõe, atualmente, de mais de 270 caças MiG de origem soviética, incluindo pelo menos três esquadrões de MiG 23 Flogger, cujo raio de ação (520 milhas marítimas) coloca ao seu alcance grande parte da região sudeste dos EUA, quase todas as nações da Bacia do Caribe, e uma pequena parte da América Central. As operações aéreas conjuntas cubano-nicaraguêses, durante as quais os pilotos e as aeronaves cubanas empregam os recém-construídos aeroportos localizados na Nicarágua (como, por exemplo, Sandino e Punta Huerte), permitirão que caças inimigos atuem eficazmente tanto na missão de ataque terrestre como na de busca de superioridade aérea em toda a América Central e na maior parte do México.

## A CAPACIDADE DE TRANSPORTE AÉREO ESTRATÉGICO

Cuba ainda não dispõe de suficiente capacidade de transporte aéreo estratégico para realizar deslocamentos de tropas em larga escala e a grandes distâncias. Desde 1975, contudo, a frota aérea comercial cubana adquiriu sete aeronaves de transporte Il-76 de grande autonomia (semelhantes aos C-141 norte-americanos) e estão previstas novas remessas de aeronaves Il-62 destinadas exclu-

sivamente à Força Aérea cubana.

Deve-se recordar que Cuba realizou, em 1975, o transporte aéreo de tropas até Luanda, Angola, com apenas cinco aeronaves *Bristol Brittonia* de média autonomia,<sup>9</sup> cuja capacidade de transporte máxima era de 100 soldados. Esta operação estratégica de deslocamento e emprego de um único batalhão aeroterrestre cubano num momento crítico desempenhou um papel bem mais importante que o efetivo da força empenhada e o tempo gasto no seu deslocamento. Portanto, é necessário ter-se em mente que a capacidade de transporte orgânica cubana na Bacia do Caribe representa um formidável desafio no contexto centro-americano, com ou sem o apoio da URSS. Uma força cubana com experiência de combate deslocada rapidamente para participar de qualquer conflito imaginável na América Central seria, com toda probabilidade, decisiva.

## A MARINHA DE GUERRA CUBANA

A Marinha de Guerra cubana constitui-se, principalmente, numa crescente força capaz de realizar missões de interdição. Dois submarinos da classe *Fox-trot* e uma fragata da classe *Koni*, adquiridos recentemente, proporcionarão a Cuba a capacidade de projetar as suas operações a qualquer região do Mar do Caribe, Golfo do México e,

até certo ponto, do Oceano Atlântico.<sup>10</sup> As embarcações de ataque das classes *Osa* e *Komar*, dotadas de mísseis, cuja autonomia lhes possibilita penetrar profundamente no Caribe, executam missões navais de natureza defensiva e são dotadas dos mísseis superfície-superfície *SS-N-2 Styx*. Com o objetivo de completar as defesas navais de Cuba, a URSS lhe forneceu torpedeiros deslizadores da classe *Turya*, navios-varredores da classe *Yeugenyia* destinados a operar perto do litoral e um navio-varredor da classe *Sonya*.

## A MILÍCIA

Cuba vem organizando, desde 1980, uma vultosa milícia territorial. Conforme afirmou Castro em discurso proferido em julho de 1983:

*"...mais de 500.000 homens e mulheres, além de dezenas de milhares de oficiais, foram organizados numa milícia, instruídos e armados em menos de um ano, 1,8 das mulheres cubanas comprometeram-se a ingressar na milícia... Nos próximos 12 meses (durante 1984), outros 500.000 homens e mulheres, além de 30.000 novos oficiais, ingressarão na milícia... Um milhão de novos combatentes ingressarão nas Forças Armadas e nas reservas"*.

Uma vez atingidos estes objetivos, a milícia e as reser-

vas cubanas disporão de maior efetivo que a Guarda Nacional e as Reservas dos EUA em conjunto. Quando concluído, o programa de organização da milícia empreendido por Fidel Castro tornará Cuba uma das nações mais militarizadas do mundo, com dois dentre cada nove cidadãos cubanos tendo recebido instrução formal, militar ou paramilitar. Esta vultosa milícia desempenharia o importante papel estratégico de liberar as FAR para um eventual deslocamento rumo a qualquer parte do mundo.<sup>11</sup>

## A FONTE DE PODER MILITAR CUBANO

O advento da proeza militar cubana delineada na exposição acima tem suas origens exclusivamente no relacionamento cubano-soviético. O material bélico cubano é, em sua maior parte, financiado pela União Soviética. De 1960 a 1975, a URSS forneceu gratuitamente a Cuba armas no valor de vários bilhões de pesos.<sup>12</sup> Naturalmente, a URSS tem proporcionado muitos outros tipos de ajuda tais como créditos para financiar os déficits comerciais bilaterais ou promover o desenvolvimento econômico, subsídios destinados às exportações de açúcar cubano e importação de petróleo e assistência técnica; contudo, dois fatores chave devem ser enfatizados. Em primeiro lugar, a União Soviética aumentou substancialmente a frequência

da remessa de armas para Cuba na década de 70, particularmente quando da modernização da Força Aérea cubana. Em segundo lugar, a remessa de armas fornecidas gratuitamente por parte dos soviéticos havia totalizado, de 1960 a 1970, aproximadamente 1,5 bilhão de dólares, mas, em 1979, já tinha mais que duplicado.<sup>13</sup> As remessas soviéticas continuaram durante os últimos anos da década de 70, atingindo o auge em 1981 e novamente em 1982, quando Cuba recebeu mais de 60.000 toneladas de armas provenientes da União Soviética, quantidade superior a qualquer outra remessa desde a crise dos mísseis de 1964.<sup>14</sup> Jorge I. Domínguez, famoso especialista em assuntos cubanos, sustenta que as fontes do governo norte-americano subestimam o grau de assistência militar soviética a Cuba, afirmando que as estimativas norte-americanas representam apenas um quarto dos valores admitidos pelo governo cubano.<sup>15</sup>

## A BRIGADA SOVIÉTICA

A mais conhecida e tangível referência relativa à conexão cubano-soviética é a presença militar soviética em Cuba, materializada por uma brigada soviética de 2.800 homens. O objetivo principal do desdobramento e do estabelecimento desta brigada em território cubano é demonstrar o apoio de Moscou a Cuba e proteger os cidadãos e

as instalações soviéticas em solo cubano. A brigada soviética está aquartelada em Havana, onde parte dos 8.000 a 10.000 assessores civis e militares soviéticos também estão alojados.<sup>16</sup>

## A EXPANSÃO DO ARSENAL

O que causa maior preocupação a respeito da conexão cubano-soviética é o crescimento do poderio militar cubano durante o período 1981-1984, em consequência da aceleração das remessas soviéticas. A partir de 1962, a URSS enviou a Cuba uma média anual de 34.000 toneladas métricas. Em 1983, da mesma forma que em 1982 e 1981, contudo, essa média foi superada em muito pelos soviéticos. Embora este aumento tenha obviamente sido destinado a modernizar a projeção do poder militar cubano, também satisfaz à dupla finalidade de ampliar a capacidade cubana de transferir armas para toda a região do Caribe. As remessas de armas soviéticas durante o período compreendido entre 1981 e 1984 totalizaram mais de 246.000 toneladas métricas. Dentre os principais produtos acabados enviados citam-se:<sup>17</sup>

- Para a Força Aérea cubana: 7 caças *MiG-21 Fishbed*, 3 caças *MiG-23 Flogger*, 2 aeronaves de transporte *An-26 Curl*, 16 helicópteros *Mi-17 Hip H*, 4 *Mi-14 Haze* e 2 *Mi-2 Hoplite*.

- Para as Forças de Defesa Antiaérea: aproximadamente 30

tubos de mísseis superfície-ar *SA-3 Goa*, 4 viaturas de transporte e lançamento de mísseis *SA-2 Guideline*, 11 canhões antiaéreos autopropulsados *ZSU-23-4* e 8 viaturas eletrônicas.

- Para as Forças Navais cubanas: cerca de 3 deslizadores patrulha *PTH* da classe *Turya* e uma doca seca flutuante de 4.500 toneladas.

- Para as Forças Terrestres cubanas: cerca de 100 CC médios *T-62*, 11 lançadores múltiplos de foguetes *BM-21 122mm*, 83 canhões anticarro *ZIS-2*, 51 peças de artilharia de campanha 130mm e 4 pontes de combate dobráveis montadas em caminhões.

A Tabela 1 proporciona um resumo quantitativo da conexão cubano-soviética.

## A VERDADEIRA NATUREZA DA CONEXÃO CUBANO-SOVIÉTICA

Os especialistas em assuntos cubanos ainda não conseguiram chegar a um acordo sobre a natureza da crescente conexão cubano-soviética. Certo autor já descreveu Cuba como um "paladino internacional automotivado" que deve atuar necessariamente dentro dos parâmetros dos interesses políticos e estratégicos soviéticos... mas que, não obstante, busca os seus próprios objetivos.<sup>18</sup> Já outro autor a caracteriza como um "supercliente".<sup>19</sup> Ainda um terceiro autor interpreta este relacionamento como aquele em

**Tabela 1** – Forças Armadas Cubanas (Efetivo Atual)

|                                |         |
|--------------------------------|---------|
| Pessoal                        | 297.000 |
| Milícia de Defesa Territorial  | 500.000 |
| Reservas                       | 600.000 |
| Divisões Terrestres (Exército) | 25      |
| CC                             | 950     |
| Aeronaves de combate           | 270     |
| Lançadores de mísseis SAM      | 208     |
| Submarinos                     | 3       |
| Fragatas                       | 2       |
| Navios e Lanchas-Patrolha      | 50      |

que Cuba se constitui num "aliado privilegiado",<sup>20</sup> chamando a atenção para o relacionamento especial cubano-soviético que concede a Cuba a liberdade de escolha ou autonomia consideravelmente maior com relação à política soviética. Por último, Jorge Domínguez afirma que Cuba e a União Soviética desenvolveram um "relacionamento assimétrico" em que a última é, sem sombra de dúvida, o poder dominante, mas que também nele se difunde uma dependência mútua que permite que Cuba formule sua própria política exterior.<sup>21</sup>

A incapacidade dos especialistas no assunto de chegarem a um consenso sobre a verdadeira natureza e a correta caracterização da conexão cubano-soviética exige uma análise e uma compreensão mais profunda do fenômeno militar cubano. Para

atingir este objetivo, devemos, primeiramente, examinar os singulares antecedentes históricos da militarização cubana. Concluída esta análise, passaremos então a descrever a natureza predominantemente militar da Revolução Cubana.

Este método analítico proporcionará ao leitor uma compreensão mais profunda que a proporcionada por simples rótulos.

### OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA CONEXÃO CUBANO-SOVIÉTICA: A LÓGICA MILITAR INTERNA DA REVOLUÇÃO

A militarização de Cuba nos níveis sem precedentes anteriormente mencionados, em conjunção com a conseqüente necessidade do apoio moscovita através da conexão cubano-so-

viética com o fim de manter esses elevados níveis de estrutura de força e material, que são bastante superiores à própria capacidade cubana, foi causada diretamente pela história interna da revolução cubana. A guerra de guerrilha que provocou a deposição de Batista foi, acima de tudo, de natureza militar e de característica paramilitar. As fontes do Castrismo são militares: o pessoal que compôs o regime original castrista foi e continua a ser militar. Durante a década de 70, os militares cubanos ocuparam um número proporcionalmente maior de posições no Comitê Central do Partido Comunista em relação aos outros regimes comunistas, fato este ressaltado quando se considera o contraste que existe entre Cuba e a União Soviética. A História mostra que a Revolução Russa criou o Exército Vermelho após os membros comunistas do partido político bolchevista terem tomado o poder. A seqüência dos acontecimentos em Cuba apresenta características inversas, uma vez que os quadros militares precederam os partidos políticos civis. Estes grupos continuam a se perpetuar no poder, impedindo a formação de um partido político de origem verdadeiramente civil.<sup>22</sup> A organização militar rebelde foi identificada, em Cuba, como o principal veículo da revolução, enquanto os partidos políticos e o movimento clandestino urbano contrários a Batista exerceram um papel secundário. O que não causa surpresa, portanto, é que,

após a fuga de Batista e a subsequência tomada do poder por parte do governo revolucionário, em janeiro de 1959, foi o exército rebelde quem assumiu o controle administrativo da ilha.<sup>23</sup>

A vitória da facção esquerdista da coalizão anti-Batista e o posterior rumo socialista tomado pela revolução deveram-se, em primeiro lugar, ao enorme prestígio pessoal e autoridade de Fidel Castro. Mas foram também resultantes do controle exercido pelos esquerdistas sobre a única instituição capaz de governar eficazmente: as Forças Armadas. De 1959 a 1961, quando ainda não existia o partido revolucionário, a vanguarda da revolução cubana foi o Exército cubano. William M. Leo-Grande, famoso especialista em assuntos latino-americanos, com ênfase na política nacional e exterior cubana, salienta que o Exército cubano desempenhou todas as tarefas de um partido leninista na fase inicial de uma revolução socialista: tomou o controle administrativo do governo das mãos da antiga burocracia estatal; apoderou-se dos meios de produção; mobilizou o apoio popular em prol do governo revolucionário; e se constituiu no núcleo organizacional em torno do qual os alicerces de um novo sistema político foram embasados.<sup>24</sup>

O ponto fundamental a ser aqui salientado é que a Revolução Cubana deu origem, perpetuou e reforçou consistentemente um regime militarizado com profundos vínculos soviéticos e

que a militarização tem sido justificada pela liderança cubana como uma medida contra-imperialista.

Eu argumentaria enfaticamente que o fator militar é inerente à própria estrutura da Revolução Cubana que, desde o seu início, foi levada a responder militarmente às pressões e ameaças de invasão por parte dos EUA, que culminaram na Bafa dos Porcos. Isto, por sua vez, foi reforçado pela posição cubana de posto avançado no âmbito da comunidade de nações socialistas sob a influência da União Soviética, a tão-somente 144 quilômetros da principal potência "imperialista" do mundo. Finalmente, a militarização de Cuba representa um fenômeno peculiar ao Terceiro Mundo e à América Latina, onde as Forças Armadas têm dominado as classes governantes, através da História.

### **O IMPACTO QUADRIDIMENSIONAL DA MILITARIZAÇÃO CUBANA**

Voltemos agora a nossa atenção para as conseqüências da alarmante tendência da Revolução Cubana (entenda-se também como a do Estado Cubano) de aumentar a militarização, apoiada por uma sólida conexão soviética. Este ensaio proporá que existem quatro conseqüências identificáveis: o impacto interno em Cuba; a projeção de Cuba como um ator internacional; a definição das pro-

habilidades de paz ou guerra regional na Bacia do Caribe; e, finalmente, o impacto no relacionamento estratégico EUA-URSS.

### **O IMPACTO INTERNO EM CUBA**

Apesar dos constantes esforços de Fidel Castro para reforçar o Partido Comunista Cubano (PCC),<sup>25</sup> as FAR continuam sendo o ator institucional predominante em Cuba. Através de sua intrínseca legitimidade política, conforme salientada anteriormente, sua coerência e adaptabilidade organizacional e, finalmente, os seus quadros de liderança, as FAR desenvolveram uma identidade coletiva independente do PCC durante os 25 anos após a revolução. Os vínculos institucionais mais estreitos entre Havana e Moscou fundamentam-se nas suas respectivas instituições militares e não nos laços existentes entre os partidos comunistas.

A soberania do PCC como instituição está muito abaixo da expectativa, uma vez que conta com apenas de 200.000 a 300.000 membros, num país cuja população, no momento, é de aproximadamente dez milhões.<sup>26</sup> O baixo nível de escolaridade dos quadros do partido debilita gravemente a capacidade do PCC de governar. Segundo relatório oficial apresentado por Fidel Castro ao Congresso, o nível de escolaridade da maioria dos quadros ainda é apenas

de primeiro grau.<sup>27</sup> O PCC continua quantitativa e qualitativamente subdesenvolvido e sua organização institucional *sucedeu* a das FAR. O domínio institucional exercido pelas FAR em Cuba constitui-se, dessa forma, num traço social profundamente arraigado e numa permanente característica da revolução cubana e sua crescente militarização.

Em nítido contraste com as outras Forças Armadas, o sistema integrado de escolas militares das FAR, fundado na década de 1960, desenvolve capacidade governamental e administrativa, bem como especializa oficiais, perpetuando, daí, as Forças Armadas como instituição. Fundou-se, em 1961, uma escola de oficiais-generais. Dois anos depois foi fundada uma escola destinada à preparação de oficiais para o desempenho de funções de comando de alto nível e inaugurado um sistema nacional de escolas de cadetes.<sup>28</sup> As escolas militares de primeiro e segundo graus foram introduzidas em 1966.<sup>29</sup> Estabeleceu-se, portanto, um sistema de escolas militares interligado que resultou na crescente coesão entre os oficiais cubanos, neles inculcando valores militares comuns ao freqüentarem os estabelecimentos de ensino do sistema escolar. Em consequência, o sentido institucional que identifica as FAR como corporação supera em muito o do PCC ou de qualquer outro órgão civil. A entrega de sistemas de armas mais sofisticados e as

contínuas remessas soviéticas servirão apenas para acentuar a necessidade de um maior número de escolas militares (destinadas ao preparo dos usuários do equipamento adicional). As Forças Armadas cubanas exercerão uma grande influência no processo sucessório após o afastamento de Fidel Castro do poder.

Uma consequência de ordem social que não é facilmente medida pelo impacto do crescimento das Forças Armadas cubanas é a militarização da sociedade cubana. O efetivo das FAR e da milícia, conforme delineado anteriormente, indica basicamente que, de cada 9 cubanos, 2 serão submetidos a algum tipo de instrução militar formal ou a experiência paramilitar — proporção esta consideravelmente superior à de qualquer outra nação do mundo. Além do mais, o sistema escolar mantido pelas Forças Armadas, a ênfase no "soldado cívico" cubano e, finalmente, a tendência de promover a ascensão de oficiais com experiência militar e que tenham servido à revolução (por exemplo, em Angola e na Etiópia) a posições de alto nível nas organizações estatais, indicam, em conjunto, que as forças armadas ostentam maior mobilidade social que as instituições civis equivalentes. Em consequência, os recursos humanos nacionais de talento estão inclinando-se para as Forças Armadas, em detrimento das outras atividades governamentais tais como a economia cubana ou a burocracia estatal.

Conforme afirmam Thomas E. Skidmore e Peter M. Smith em seu livro *Modern Latin America*, a profunda revolução social em Cuba ocorreu, em grande parte, como resultado do domínio exercido pelos norte-americanos sobre os interesses econômicos cubanos. Atualmente, a proteção militar soviética, associada à sua ajuda militar e econômica, constitui a força vital e o apoio da perpetuação da revolução. A dúvida agora, todavia, é se o atual poder de barganha de Cuba com Moscou é maior do que o que ela já teve, uma vez, com Washington. É possível que as bases da dependência cubana jamais sejam explicitamente definidas em termos quantitativos em virtude do grau de sigilo existente nas relações Cuba-URSS. O que está claro, todavia, é que os soviéticos consideraram vantajoso subsidiar a revolução e, em assim fazendo, ressuscitaram na consciência cubana a ironia máxima: uma revolução nacionalista que, após mais de duas décadas e meia, permanece sob a tutela econômica de uma longínqua superpotência.<sup>30</sup>

## **A SEGUNDA DIMENSÃO: CUBA COMO UM ATOR INTERNACIONAL**

A segunda dimensão da militarização cubana é o seu ingresso no cenário mundial como ator principal. A ascensão a este novo status ocorreu de meados para fins da década de 70,

quando soldados cubanos combateram em duas guerras na África e o seu pessoal de ajuda civil e militar ao exterior foi enviado para 25 países da África, Ásia e das Américas Central e do Sul. As tropas cubanas obtiveram êxito imediato nas guerras travadas em Angola (1975-1976) e no Chifre da África (1977-1978), consolidando os regimes comunistas no poder.

A chegada repentina de forças de combate cubanas à África, em 1975, abalou profundamente o mundo e, em particular, os EUA, quando o pária regional emergiu repentinamente como ator internacional. A decrescente ameaça norte-americana à sobrevivência da revolução, associada à modernização maciça das FAR durante a década de 70, permitiu que Cuba ampliasse a sua influência no Terceiro Mundo, ostentando um novo ativismo destinado a proporcionar apoio aos governos por ela considerados progressistas. Além disso, Cuba empenhou-se, durante toda a década de 60, em ajudar os movimentos guerrilheiros geograficamente situados na América Latina. À medida que aperfeiçoava sua segurança, os movimentos guerrilheiros na América Latina fracassavam e o colapso do colonialismo português proporcionava oportunidades especiais aos revolucionários africanos, a histórica "correlação de forças" testemunhou a mudança do enfoque geográfico cubano, da América Latina para a África. A estréia de Cuba em 1975 no cenário mundial

também pode ser explicada pelo fato de que as forças cubanas não poderiam ter sido lançadas numa escala internacional durante a década de 60, uma vez que era grande a probabilidade de invasão da ilha pelos norte-americanos. Os cubanos não dispunham, ainda, de uma capacidade de transporte aéreo estratégico que permitisse projetar o seu poder além-mar. Por último, havia uma tendência de esfriamento nas relações cubano-soviéticas, o que realmente aconteceu até o decorrer do ano de 1968.

Outro padrão de medida da ascensão de Cuba como aspirante ao status de potência mundial poderia ser o seu impressionante programa de ajuda internacional. Um inventário dos compromissos de ajuda cubanos a países do Terceiro Mundo é de fato bastante impressionante. Na realidade, o Relatório da CIA intitulado "As Atividades de Ajuda Comunista em Países Não-Comunistas Menos Desenvolvidos", preparado em 1978, indicava serem 16 os países que recebiam assistência cubana, enquanto o próprio governo cubano alegava serem 21 os países beneficiários de sua assistência.<sup>31</sup>

Finalmente, talvez o indício mais marcante da ascensão de Cuba como ator mundial provém de um estudo da presença tanto de soldados como de assessores militares cubanos em todo o mundo, de 1966 a 1980.<sup>32</sup>

O pessoal militar cubano tanto em missões de combate

como de assessoramento tem tido, desde 1961, participação ativa nos seguintes países: Guiné-Bissau, Síria, Angola, Argélia, Iêmen do Sul, Vietnã do Norte, Laos, Zanzibar, Guiné Equatorial, Somália, Congo (Brazaville), Serra Leoa, Cabo Verde, Zâmbia, Zaire e Nigéria, bem como nas Colinas de Golan, onde um batalhão de CC cubano serviu por algum tempo após a Guerra do Yom Kippur.<sup>33</sup>

### **TERCEIRA DIMENSÃO: CUBA E A BACIA DO CARIBE**

O terceiro impacto do crescimento da projeção do poder cubano e do vínculo militar Havana-Moscou é o efeito exercido no equilíbrio regional do Caribe. A balança do poder no Caribe, tradicionalmente considerada de hegemonia norte-americana, está num claro processo de mudança em consequência das atuais tendências regionais e internacionais.

A própria região do Caribe está passando por uma rápida transformação cujas características gerais incluem: a retirada parcial de uma presença de segurança européia tradicional (Inglaterra e Holanda); o surgimento de nações recém-independentes, antigas colônias, algumas delas como microestados altamente vulneráveis; um compromisso regional, embora expresso de maneira diferenciada e voltado para os objetivos de desenvolvimento nacional. Além disso, o crescimento da impor-

tância econômica da Venezuela; o clamor latino-americano contra as deficiências do atual sistema interamericano; e o lento mas inexorável descrédito dos regimes autoritários de direita, tradicional e estreitamente vinculados aos EUA, serviram para tornar a região altamente susceptível a mudanças. A erosão do consenso em favor da segurança coletiva incorporada ao Tratado do Rio de 1947, associada às iminentes mudanças na postura norte-americana com relação ao Panamá, proporciona as condições propícias para a expansão da influência cubana na área.

De suma importância para a compreensão do novo ambiente do Caribe é o novo papel cubano na área, apoiado pela União Soviética. O objetivo desta parte do ensaio é analisar a dinâmica deste papel, tendo em vista a ascensão anteriormente descrita de Cuba a um papel internacional de maior vulto, dos alinhamentos institucionais já delineados lá existentes, das relações cubano-soviéticas e das interações com diversos países do Caribe. Afirmar-se-á que Cuba, juntamente com a União Soviética, está provocando uma transformação geoestratégica fundamental na Bacia do Caribe.

Existe, conforme constatado anteriormente, uma brigada de combate soviética de 2.800 homens aquartelada perto de Havana. O papel óbvio desta presença soviética é sem dúvida, dissuadir qualquer possível ata-

que norte-americano contra Cuba em represália a ações cubanas em outras partes da região. Considerando esta finalidade estabelecida, a brigada soviética representa uma nítida vantagem ofensiva para Cuba em todo o Caribe. Por conseguinte, os EUA têm tolerado, com certo grau de equanimidade, a presença de uma ameaçadora força extra-hemisférica, pela primeira vez na história do hemisfério.<sup>34</sup>

O aperfeiçoamento das forças aérea e naval cubanas, conforme delineado no início deste artigo, proporciona a Havana a capacidade de desencadear ataques rápidos a partir da ilha contra qualquer região do Caribe. Anteriormente dependente da URSS para apoiar os seus fluxos de apoio logístico na África, Cuba possui, atualmente, a capacidade de transportar armamentos de porte médio e pesado da ilha para qualquer ponto de sua escolha no âmbito da Bacia do Caribe. Os cubanos podem desdobrar 5.000 homens pertencentes às forças especiais num período de 24 horas para qualquer área do Caribe.<sup>35</sup> Conforme anteriormente mencionado, uma força destas características inserida diretamente num conflito de baixa intensidade poderia ser decisiva. No final de maio de 1983, Cuba começou a ensaiar assaltos anfíbios nas cercanias de Mariel, desdobrando um contingente de 400 fuzileiros navais, 4 CC leves e 8 VBTP.<sup>36</sup> Empregando navios/transportes da classe *Pol-*

*nocny* fabricados e fornecidos pelos soviéticos, cada um capaz de transportar 6 CC, os cubanos demonstraram a capacidade de projetar sua força, em particular contra os países militarmente vulneráveis da região oriental do Caribe. O acréscimo de aeronaves de transporte a jato *Il-62* ao atual arsenal de aeronaves militares cubanas servirá para projetar o seu poder militar bem além da capacidade de seus vizinhos do Caribe.

A assistência militar cubana e soviética à Nicarágua constitui a parte essencial do realinhamento fundamental que ora ocorre no Caribe e, em especial, no istmo centro-americano. Cuba supervisiona todas as remessas de armas destinadas à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) e mantém um grupo de 3.000 assessores no país que preparou o caminho para a incorporação do seguinte equipamento bélico soviético ao arsenal Sandinista.<sup>37</sup>

- 110 CC *T54/T55*;
- Mais de 200 VBTP *BTR-152* e *BTR-60*
- Mais de 20 Viaturas de Reconhecimento Blindadas *BDRM*;
- Mais de 150 obuseiros e morteiros (24 *D-30*; 24 *D-20*; 24 *MRLS<sup>o</sup>-BM-21*);
- 30 mísseis superfície-ar *SA-7 Grail*;
- 30 viaturas de reconhecimento *PT 76*;
- 30 helicópteros, incluindo mais de 12 do tipo *Mi-*

*8/Hip* e de 5 a 8 *Mi-24/Hind D*;

- 8 aeronaves de transporte (*An-2/Colt, an-26/Curl*);
- 120 peças de artilharia antiaérea.

Este equipamento apóia o Exército da FSLN, cujo efeito alcança quase 119.000 homens (75.000 da ativa e 44.000 da reserva) instruídos por um quadro de 3.000 assessores militares cubanos, além de outros 6.000 cubanos que proporcionam assessoramento em todos os níveis de governo.<sup>38</sup> A parte essencial deste breve parágrafo indica a existência, desde 1979, de um realinhamento fundamental apoiado pela União Soviética e por Cuba no istmo centro-americano. Os hondurenos, salvadorenses, guatemaltecos e costarriquenhos não possuem, individual ou coletivamente, CC nem obuseiros pesados comparáveis em termos qualitativos ou quantitativos aos do recém-adquirido arsenal do seu vizinho.

#### QUARTA DIMENSÃO: O IMPACTO DE CUBA NA AVALIAÇÃO ESTRATÉGICA EUA-URSS

Por último, a projeção do poder cubano, através de sua militarização e conexão soviética, exerce um impacto direto no relacionamento e avaliação estratégica EUA-URSS. O problema mais delicado enfrentado pelos EUA e a União Soviética foi, durante muito tempo, o das armas nucleares ofensivas ins-

taladas na ilha – problema este que, em 1962, levou os EUA e a União Soviética à beira da guerra nuclear. Este problema voltou à tona em 1968 e 1969, quando o serviço de informações dos EUA descobriu que os soviéticos estavam construindo uma base de submarinos nucleares em Cienfuegos.<sup>39</sup> Os EUA protestaram antes do término da construção da base, privando, desta maneira, a força submarina nuclear soviética de uma base operacional e de abastecimento em Cuba.<sup>40</sup>

Durante a administração Carter, ocorreu uma série semelhante de intromissões estratégicas, mas com um desfecho diferente. No fim do verão de 1978, altos funcionários do Departamento da Defesa e do Serviço de Informações iniciaram um intenso debate interno nos EUA acerca da importância estratégica das aeronaves *MiG-23* e *MiG-27* que haviam sido detectadas pela primeira vez cerca de quatro meses antes. Estas aeronaves soviéticas têm capacidade nuclear (isto é, são capazes de transportar e lançar armas nucleares) e são dotadas de autonomia que lhes permitiria atingir Washington D.C.<sup>41</sup> O Secretário de Defesa Harold Brown enviou, a 23 de outubro de 1976, um memorando ao Presidente dos EUA informando da ameaça e avaliando o seu impacto no acordo firmado em 1962 entre Kennedy e Kruchev.<sup>42</sup> Tal acordo limitava as remessas de armamentos feitas por Moscou com destino a Ha-

vana a armas defensivas. Os vôos de reconhecimento sobre Cuba foram reiniciados e Carter aceitou, posteriormente, as promessas soviéticas de que os *MiG* não eram armas ofensivas e que nenhum armamento ofensivo seria introduzido em território cubano.

Forças-tarefa da Marinha soviética realizaram, desde 1969, cerca de 25 deslocamentos para Cuba, com escalas em Havana e Cienfuegos, incluindo, em aproximadamente metade das vezes, um ou dois submarinos. O 23º deslocamento foi realizado em dezembro de 1984<sup>43</sup> e as forças-tarefa passaram, em média, 40 dias no Caribe, tendo sido o tempo máximo de permanência, de 91 dias, observado no deslocamento realizado em 1978.<sup>44</sup>

Os deslocamentos aeronavais para Cuba começaram em 1970, e, a partir de novembro de 1981, os soviéticos vêm empregando o aeroporto militar cubano de San Antonio de los Baños como instalação permanente das aeronaves *Tu-95 Bear D* e *Tu-142 Bear F* de reconhecimento marítimo que coletam informações regularmente durante os sobrevôos por elas realizados no litoral do Golfo do México e na Costa Leste dos EUA, abrangendo as instalações navais norte-americanas em Jacksonville, Charleston e King's Bay.<sup>45</sup> Estas missões são destinadas a fornecer aos soviéticos informações sobre os deslocamentos dos submarinos nucleares norte-americanos procedentes dos

portos da Costa Leste. Pelo menos três, e possivelmente até nove, aeroportos cubanos foram recentemente aperfeiçoados para permitir o emprego dos bombardeiros intercontinentais pesados soviéticos *Tu-95*, capazes de transportar mísseis nucleares ar-superfície. A partir de 1970, estes bombardeiros de longo alcance têm-se deslocado da Península de Kola até os aeroportos cubanos sem, segundo se afirma, qualquer protesto norte-americano.<sup>46</sup>

A instalação soviética de informações obtidas através das comunicações (*SIGINT*), localizada em Lourdes, nas imediações de Havana, foi ampliada em cerca de 60 por cento desde 1970 e constituiu-se na maior instalação *SIGINT* fora do território soviético.<sup>47</sup> A importância estratégica desta instalação é que ela proporciona aos soviéticos, juntamente com outras instalações na URSS, uma completa cobertura das transmissões internacionais de todos os satélites geossíncronos de comunicação norte-americanos. A sua proximidade dos locais de lançamento, no Cabo Canaveral, proporciona leituras e telemetria instantâneas de todos os lançamentos norte-americanos.<sup>48</sup> Por esta razão, um dos objetivos estratégicos soviéticos, a longo prazo, é, obviamente, desenvolver uma capacidade ofensiva de interdição suficientemente eficaz para desorganizar a estratégia de reforço da OTAN que seria implementada na eventualidade de uma confron-

tação EUA-URSS nas planícies da Europa Central. Este objetivo seria facilmente atingido através de uma maior presença aeronaval soviética e do aperfeiçoamento da estrutura das forças armadas cubanas. A estratégia de reforço da OTAN preconiza o transporte aéreo e marítimo das divisões terrestres de reforço norte-americanas na eventualidade da deflagração de uma guerra na Europa Central. O equipamento pesado e outras divisões de reforço se deslocariam em embarcações do Comando de Transporte Marítimo Militar e navios mercantes partindo dos portos do Golfo do México ou, possivelmente, atravessando o Canal do Panamá, navegando na direção leste, próximo ao sul de Cuba, a caminho da Europa.<sup>49</sup> (Para uma análise mais completa, ver "Los Riesgos Geopolíticos en la Crisis Centroamericana", artigo de Ashley J. Tellis, *Military Review*, Jan-Fev 86, edição hispano-americana, pp. 53-70.)

Forças aeronavais soviéticas modernizadas, operando a partir de bases cubanas e possivelmente nicaraguenses, poderiam interditar, inquietar e retardar de maneira eficaz tais reforços. As frotas de embarcações de superfície e submarinos soviéticos são capazes de fechar os quatro principais pontos de estrangulamento geoestratégicos em ambos os lados das rotas marítimas da região. A frota de bombardeiros *Backfire* soviéticos, com um raio de ação de 4.000 quilômetros, pode agora

empregar pelo menos três bases cubanas, as quais lhe proporcionam a capacidade de realizar sobrevôos nas rotas de ligação marítimas estrategicamente vitais no Atlântico. Deve ser lembrado que, durante a 2ª Guerra Mundial, os submarinos alemães que operavam no Caribe, *sem* o apoio de portos latino-americanos aliados, afundaram 260 navios mercantes — 50 por cento deles petroleiros.<sup>50</sup> Para enfrentar esta ameaça, os EUA teriam de desviar recursos militares já escassos, o que resultaria, basicamente, na redução das unidades de reforço *imediatamente* disponíveis para as missões eventuais da OTAN ou Oriente Médio. Os recursos navais ficariam bastante sobrecarregados se tivessem que conter a ameaça cubana e, ao mesmo tempo, cumprir a missão de reforço, pela simples razão de que não existe atualmente um número suficiente de navios-aeródromos para desempenhar as duas missões.

A capacidade do serviço de informações, proporcionada pela combinação das aeronaves *Bear* e da instalação *SIGINT* localizada em Lourdes, de rastrear e destruir os submarinos portadores de mísseis balísticos norte-americanos, à medida que eles se desdobram, dá aos soviéticos uma nítida superioridade na neutralização desta parte da tráfada estratégica dos EUA, além de orientar as belonaves de superfície soviéticas na destruição dos submarinos que estiverem escoltando os navios de

transporte de tropas ou material bélico a caminho da Europa.

## CONCLUSÕES

A característica social mais inquietante em Cuba atualmente é a preponderância das Forças Armadas sobre qualquer outra instituição estatal, o PCC ou organização voluntária. As FAR, muito mais que o PCC, tornaram-se um dos mecanismos exclusivos para a ascensão tanto social como profissional e para a obtenção de cargos que traduzam poder ou segurança. A penetração ou o domínio de atividades profissionais como medicina, direito e especialidades técnicas estenderá também a sua preeminência até estas áreas.

O pessoal militar ocupa os principais cargos nos níveis nacional, provincial e municipal. Os tentáculos das Forças Armadas na sociedade cubana devem ser considerados não apenas como mero fenômeno ou tendência passageira mas, isso sim, como uma representação da dura realidade da atual situação revolucionária. Pensar ansiosamente que a presença militar pode ser erradicada é pura fantasia. Deve-se lembrar a quantidade cumulativa de tempo, energia e dinheiro, sem falar da vontade política, gasta na construção deste florescente monólito militar. A pergunta apropriada a ser formulada hoje é se o poder militar substituiu a antiga pretensão da revolução

de criar uma sociedade justa e livre. Qualquer processo revolucionário que pretende ser dedicado ao seu povo, mas que se torna preso aos tentáculos da máquina militar, reprime ou põe termo ao constante e espontâneo fluxo de idéias e a participação na prometida sociedade livre. Num sistema tão rígido como esse, a produtividade do povo só pode declinar. Independentemente dos vestígios remanescentes de liberdade conservados pelas elites militares e dos pretextos atribuídos à "democracia", a evidência empírica já apresentada neste artigo serve para mostrar que eles são completamente ilusórios e apresenta uma realidade bem mais dura.

Outra conclusão abrange as mudanças no contexto regional e mundial, em particular no que os soviéticos chamam da "correlação de forças globais". Os dados empíricos citados acima, demonstrando que a balança do poder militar de uma forma global é favorável à União Soviética e que a balança regional pende atualmente para o lado cubano já foram amplamente analisados e não precisam ser aqui repetidos. Os planejadores estratégicos dos EUA não podem continuar ignorando a ameaça localizada ao sul no que tange à sua avaliação estratégica para proporcionar reforços à OTAN. O fator mais importante que deve ser levado em conta é que agora o Caribe e a conexão cubano-soviética nele existente devem, em pri-

meiro plano, estar na consciência de defesa da Europa Ocidental, uma vez que os acontecimentos que se desenrolam atualmente nessa região têm uma influência muito grande no esquema de sua segurança. Nos dias de hoje, é bem possível que os Estados Unidos não consigam enviar os reforços necessários, na eventualidade de uma guerra nas planícies do continente europeu.

Finalmente, em consequência do que foi aqui exposto, podemos concluir que a atual política da administração Reagan, que insiste nos procedimentos de verificação de qualquer tratado de paz de Contadora, é perfeitamente justificada, dado o exemplo histórico de Cuba. Conforme foi descrito neste artigo, a atual militarização da Nicarágua assemelha-se, em muitos aspectos, ao modelo cubano.

## BIBLIOGRAFIA

1. Christopher Whalen, "The Soviet Military Buildup in Cuba", *Cuban Communism*, editado por Irving Louis Horowitz, Transaction Books, New Brunswick, Nova Jérsei, 1984, p. 36.
2. Marta San Martín e Ramón L. Bonachea, "The Military Dimension of the Cuban Revolution", *Cuban Communism*, *op. cit.*, p. 607. O Relatório de 1983 do Banco Mundial calcula a população cubana em 9,7 milhões.
3. *Granma Weekly Review*, 19 Dez 71.
4. Banco Mundial, *World Bank Report 1983*, p. 149; e "Las Fuerzas Armadas Cubanas y la Presencia Militar Soviética", Serviço de Informações dos EUA, p. 7.
5. Whalen, *op. cit.*, p. 736. Ver "Las Fuerzas Armadas Cubanas y la Presencia Militar Soviética", Serviço de Informações dos EUA, p. 15.

6. A alegação costumeira apresentada para atenuar a superioridade numérica das divisões terrestres do exército cubano sobre as divisões terrestres do Exército dos EUA (Cuba possui 25 e os EUA 16 com uma possível ampliação para 18) é que as divisões cubanas são constituídas de menor efetivo. Embora este argumento seja tecnicamente correto, deve-se lembrar que as divisões cubanas são organizadas segundo os padrões das divisões terrestres soviéticas que eliminam a estrutura de apoio logístico divisionária da base da divisão, enquanto as divisões do Exército dos EUA dispõem do Comando de Apoio Logístico Divisionário (DISCOM), além dos batalhões e brigadas de manobra. Das divisões cubanas dispõem da mesma capacidade de manobra terrestre (isto é, 3 brigadas de manobra, cada uma dotada de 3 ou 4 batalhões de manobra) com a sua estrutura de apoio deslocada para e sob o controle de um escalão superior, sem nenhuma redução conseqüente do poder de combate da divisão com relação à sua equivalente funcional norte-americana.
7. Departamento de Defesa (DoD), *Soviet Military Power 1984*, p. 123.
8. *Ibid.*, pp. 120-121.
9. Serviço de Pesquisa do Congresso, *Foreign Assistance in the Angolan Civil War: Chronology of Reported Events, 1957-1976*, pp. 8-15.
10. Os navios da classe *Koni* têm uma autonomia operacional de 2.000 milhas marítimas sem necessidade de reabastecimento ou suprimento. Os navios da classe *Foxtrot* possuem uma autonomia de 9.000 milhas marítimas a uma velocidade de 7 quilômetros/hora e podem permanecer em missões de patrulhamento por um período de 70 dias. Ver *Jane's Fighting Ships, 1984* e DoD, *Soviet Military Power 1985*.
11. DoD, *Soviet Military Power 1984*, p. 123.
12. *Granma Weekly Review*, 4 Jan 76, p. 7.
13. Carmelo Mesa-Lago, "Cuban Foreign Policy in Africa: A General Framework", *Cuba in the World*, editado por Cole Blasier e Carmelo Mesa-Lago, Editora da Universidade de Pittsburgh, 1979, pp. 3-6. Ver os parágrafos seguintes.
14. DoD, *Soviet Military Power 1984*, pp. 120-124.
15. Jorge I. Domínguez, "The Armed Forces and Foreign Relations", *Cuba in the World*, editado por Cole Blasier e Carmelo Mesa-Lago, p. 54.
16. DoD, *Soviet Military Power 1983*, p. 88, e Departamento de Estado/DoD, *The Soviet-Cuban Connection in Central America and the Caribbean*, p. 3.
17. DoD, *Soviet Military Power 1984*, pp. 120-121. Todo o material apresentado após esta nota de referência precedido por pontos em negrito encontra-se nestas páginas.
18. Edward Gonzalez, "Cuba, The Soviet Union and Africa", *Communism in Africa*, editado por David E. Albright, Editora da Universidade de Pittsburgh, 1979, pp. 1-25.
19. David F. Ronfeldt, "Superpowers and Superpowers: Cuba-Soviet Union-Iran-United States", *The Rand Paper Series*, Santa Monica, Califórnia, Abr. 78.
20. Jiri Valenta, "The Soviet-Cuban Intervention in Angola, 1975", *Studies in Comparative Communism*, pp. 1-2.
21. Jorge I. Domínguez, "Cuban Foreign policy", *Foreign Affairs*, Volume 57, Verão 1978, Número 1, pp. 83-105.
22. Irving Louis Horowitz, "Military Origins and Outcomes of the Cuban Revolution", *Cuban Communism*, editado por Irving Louis-Horowitz, pp. 638-639.
23. Louis A. Pérez, Jr., "Army politics in Socialist Cuba", *Latin American Studies*, Volume 8, Número 2, Nov 76, pp. 251-271.
24. William M. LeoGrande, "Civil-Military Relations in Cuba", *Cuban Communism*, editado por Irving Louis Horowitz, p. 660.
25. Fidel Castro, *Angola: Girón Africano*, Tegucigalpa: Editorial R. Amaya Amador, 1976, pp. 1-30. O Primeiro Congresso do Partido, em 1975, assinalou a primeira tentativa de elevar o PCC ao papel desempenhado pelos partidos comunistas irmãos na URSS e no bloco soviético. Fidel Castro declarou a legitimidade do partido com base em suas credenciais nacionalistas e marxistas-leninistas. Durante o Congresso, o PCC assumiu as aparências de um autêntico partido leninista.
26. Edward González, "Political Succession in Cuba", *Studies in Comparative Communism*, Vol. 9, Números 1 e 2, Primavera-Verão 1976, pp. 80-107.
27. *Ibid.*

28. Jorge I. Domínguez, "Institutional and Civil-Military Relations", *Cuban Studies*, Jan 76, pp. 39-65.
29. *Ibid.*
30. Thomas E. Skidmore e Peter H. Smith, *Modern Latin America*, Oxford, Nova Iorque, 1984, p. 282.
31. Jorge I. Domínguez, "Limitations and Consequences of Cuban Military Policies in Africa", *Cuban Communism*, p. 678.
32. Figura extraída na íntegra de William M. LeoGrande, *Cuba Policy in Africa, 1959-1980*, Instituto de Estudos Internacionais, 1980, pp. 66-67.
33. Gabriel Marcella, "Cuba and the Regional Balance of Power", *Parameters*, Volume VII, Número 2, 1977, pp. 11-13.
34. R. Bruce McColm, "The Cuban and Soviet Dimension", *Crisis and Opportunity*, pp. 61-63.
35. *Ibid.*, p. 63.
36. *Ibid.*, p. 64.
37. Departamento de Estado/DoD, *The Soviet-Cuban Connection in Central America and the Caribbean*, pp. 21-27 e Departamento de Estado/DoD, *El Incremento Militar Sandi-*
- nista*, pp. 3-2.
38. *Ibid.*
39. Jorge I. Pérez-López, "Nuclear Power in Cuba: Opportunities and Challenges", *Cuban Communism*, pp. 316-317; R. Bruce McColm, "The Cuban Crisis and Soviet Dimension", *Crisis and Opportunity*, p. 62; e Roger W. Fontaine, "Fidel Castro Front and Center", *Cuban Communism*, pp. 560-561.
40. *Ibid.*
41. Fontaine, *Cuban Communism*, p. 561.
42. *Ibid.*
43. DoD, *Soviet Military Power 1985*, p. 120.
44. DoD, *Soviet Military Power 1984*, p. 126.
45. DoD, *Soviet Military Power 1984*, p. 126.
46. R. Bruce McColm, *Crisis and Opportunity*, p. 64.
47. Departamento de Estado/DoD, *The Soviet-Cuban Connection in Central America and the Caribbean*, pp. 3-4.
48. *Ibid.*
49. McColm, *op. cit.*, p. 54.
50. *Ibid.*, p. 550.



O Major MICHAEL J. BRADY, do Exército dos EUA, participa atualmente do Programa de Intercâmbio de Pessoal na Escola de Artilharia do Exército Venezuelano, em Caracas, Venezuela. Formou-se pela Universidade de Delaware, e concluiu com distinção os Cursos Básicos e Médio Latino-Americanos do Centro de Idiomas Estrangeiros do Instituto de Idiomas do Departamento da Defesa. Obteve o título de Mestre em Ciências, com especialização em Serviço Diplomático, da Universidade de Georgetown. Exerceu anteriormente funções de natureza vária nos escalões bateria e grupo de artilharia de campanha.